

# UM HOMEM SEM PROFISSÃO

notas sobre as memórias de Oswald de Andrade

Venus Brasileira Couy

*Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?*

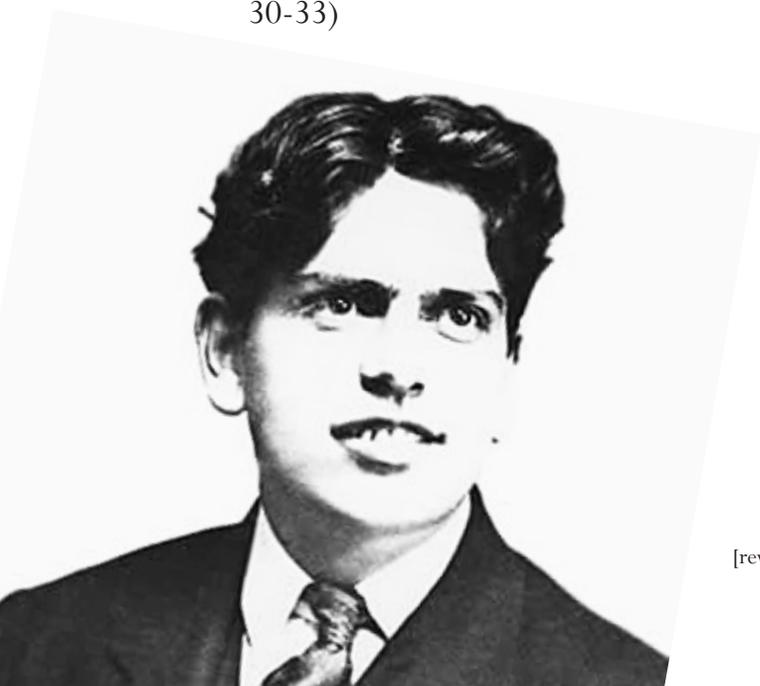
Walter Benjamin



*Um homem sem profissão* – sob as ordens de mamãe (ANDRADE, 1990) torna-se, conforme aponta Mário da Silva Brito (1990), quase um livro póstumo. A publicação da obra ocorreu em 1954, pouco antes da morte de Oswald de Andrade, que pretendia à maneira proustiana escrever as suas memórias. Talvez se Oswald tivesse optado por escrever em vez de viver a vida, como Proust encerrado no castelo e, sobretudo, no quarto forrado de cortiça, o qual impedia que qualquer ruído mal vindo atrapalhasse o trabalho, conseguisse também criar em vários volumes as suas memórias, o seu tempo perdido...

Curiosamente, é sob as ordens da mãe, figura emblemática e recorrente na vida e obra do autor, que Oswald se propõe a escrever as memórias e, já de início declara - ainda que o coração estivesse aberto à vida - que se trata de um “livro da orfandade”, no qual o sujeito guiado pelo desamparo e pelo desconsolo diante da morte da mãe, aposta na rememoração: “Este livro é uma matinada. Apesar de ser o meu livro da orfandade. Em 1912, chegando da minha primeira viagem à Europa, e encontrando morta minha mãe, nos mudamos logo de moradia, eu e meu pai. Ao fechar o aposento dela, já com a casa vazia de móveis e pessoas, me ajoelhei para beijar o chão, no local onde mamãe falecera. Mas meu coração sorria para a vida”. (ANDRADE, 1990, p. 19)

Assim, é sob o signo do luto e até mesmo de uma certa melancolia que Oswald rememora o passado e, como um bom antropófago, deglute as memórias, escritas pela insistência do amigo Antônio Cândido, que o fez jurar que escreveria “este diário confessional” (ANDRADE, 1990, p.21). Da ficção à confissão desfilam pela galeria familiar antepassados históricos, inumeráveis parentes, tios, tias, primos, primas, avós, o pai e, especialmente, a mãe, configurando o fabulário familiar oswaldiano: “De Minas vinha também, nas histórias das criadas, das tias e das crianças, um resto de folclore místico, com sacis, assombrações e mulas-sem-cabeça e muito caso de escravo. Do Amazonas tudo desaparecia ante a selva e suas feras. De qualquer lado para onde girasse minha curiosidade de criança, alimentavam-na do mais rico material da imaginação e da realidade brasileira. No dia-a-dia de meus estudos e do meu primeiro futebol, São Paulo contrastava com aquele fabulário familiar”. (ANDRADE, 1990, p. 30-33)



Para além de uma certa nostalgia do Oswald adulto que revê a infância, o passado e a família, ainda que cercado pelos parentes, envolto pela pacatez paterna, e, sobretudo, embalado pelo efervescente entusiasmo da mãe, o que se vê, entretanto, no relato das memórias, é um olhar atento e crítico de alguém que se depara com a transição do patriarcado para a decadência do clã familiar, a crescente industrialização e urbanização das cidades. Desse lugar eclode a alavanca que detona a cadeia da reminiscência oswaldiana, na qual recordar é inventar. Conforme assinala Benjamin, “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. Num outro sentido, é a reminiscência que prescreve, com rigor, o modo de textura (...) o importante para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o trabalho de sua rememoração, o trabalho de Penépole da reminiscência”. (BENJAMIN, 1986, p. 37)

Trabalho de memorialista, que na busca do “tempo perdido” também percorre o espaço que se perdeu: “a vocação de fidelidade e de heroísmo vinha do sofá e da voz. A casa era silente e calma porque não tinha crianças. Nisso talvez se fundamenta a minha contínua vontade de viver afastado de tudo, apesar dos inúmeros *raids* que fui e sou obrigado a realizar na vigência de minhas lutas infindas, lembro-me com saudade dessa solidão da casa da Rua de Santo Antônio” (ANDRADE, 1990, p. 35), relata Oswald de Andrade. Tecer a colcha da lembrança e da memória implica percorrer o labirinto da casa, território privilegiado de histórias e sensações. Como assinala Bachelard, “uma espécie de atração de imagens concentra as imagens em torno da casa. Através de todas as casas que sonhamos habitar, é possível isolar uma essência íntima e concreta que seja a justificação do valor singular de todas as nossas imagens de intimidade protegida”. (BACHELARD, 1993, p. 23)

Em meio a casa e ao cenário familiar, Oswald reconhece a filiação literária e intelectual presente na família, sobretudo, no tio Herculano, “sendo ele um literato, não sou mal essa palavra em casa”, no primo Paulo, “que estava escrevendo suas ‘Obras completas’, e nas primeiras leituras, lembro-me de ‘As espumas flutuantes’ de Castro Alves, que meu pai me deu. Não entendi nada, mas gostei. (...) Li deslumbrado ‘Carlos Magno e os doze pares de França’ (...) Passei já grandinho para Júlio Verne, que foi meu mestre piloto no maravilhoso dos doze anos. A ‘Ilha Misteriosa’ encheu minha vida, povoou meus dias e minhas noites”. (ANDRADE, 1990, p. 42) Entretanto, não é somente o universo dos parentes letrados e o mergulho das primeiras leituras que desencadeiam a veia literária de Oswald, cabendo ainda à escola, passada a frustração do primeiro fracasso e a figura marcante do professor Gervásio, o impulso decisivo: “No colégio prosseguiram meus triunfos em literatura. Era agora, ao contrário dos primeiros tempos, um dos melhores alunos da turma (...) O professor Gervásio de Araújo veio decidir da minha vida intelectual. Talvez deva realmente ser escritor (...) Ele declarava, mostrando as minhas composições, que eu possuía uma decidida vocação

literária e que, como escritor saberia honrar meu país”. (ANDRADE, 1990, p. 57 e p. 55)

Das composições talentosas à fundação de *O Pirralho*, à entrada na Faculdade de Direito, a inserção no jornalismo e na literatura, Oswald passou a partir de então a denunciar o prestígio invicto da “literatura oficial”, dos clássicos mais lidos em classe e a constante valorização dos sempre, mesmos e velhos autores consagrados: “Os valores estáveis da mais atrasada literatura do mundo impediam qualquer renovação. Bilac e Coelho Neto, Coelho Neto e Bilac. Houvera um surto de Simbolismo com Cruz e Souza e Alphonsus de Guimarães, mas a literatura oficial abafava tudo. Bilac e Coelho Neto. Coelho Neto e Bilac”. (ANDRADE, 1990, p. 84)

Embalado pela literatura, pelos excessivos cuidados familiares e pela intensa religiosidade das novenas, ladainhas e missas, ainda assim, Oswald encontra precocemente, para além dos territórios da casa, espaço para o desejo aventurar: “A mais longínqua lembrança que tenho de vida pessoal, destacada do cáldo forno materno que me envolveu até os vinte anos foi de caráter físico pessoal, evidentemente precoce. Está ela ligada a casa em que morávamos na Rua Barão de Itapetinga, de jardimzinho ao lado. Sentando-me à porta da entrada e apertando as pernas, senti um prazer estranho que vinha das virilhas. Que idade teria? Três ou quatro anos no máximo. Assim cedo mergulhava eu nesse maravilhoso universo da bronha onde permaneci virgem até a maioridade”. (ANDRADE, 1990, p. 22)

No entanto, a perda da inocência de Oswald só acontece mais tarde em meio aos choques, assombros e decepções. O sujeito que se entrega à mulher do engenheiro, envolve-se com Guiomar e a cozinheira Júlia, cumpre o ritual de iniciação sexual e pode sair então do aconchego materno, da casa e partir enfim para a conquista da rua. A cidade torna-se, então espaço de descoberta por onde Oswald circula, vê atônito a virada do século em São Paulo e a imagem fulgurante do cometa Halley: “havíamos dobrado a esquina de um século. Estávamos em 1900. Lembro-me de que esperei acordado a entrada do ano e do século, acreditando que à meia-noite, qualquer coisa como um sinal metafísico se descobrisse no céu, pelo menos a data de 1900 (...) o que veio creio que logo depois, foi o cometa Halley, resplandecente no forno do céu”. (ANDRADE, 1990, p. 33)

Entretanto, o Oswald adulto que rememora, revê com uma certa nostalgia a São Paulo do final do século XIX e começo dos anos 20: “Nenhuma condução mecânica. Carros e tilburis que se juntavam no largo da Sé, em frente à igreja, muito mais próxima do que a atual catedral e muito mais bonita”. (ANDRADE, 1990, p. 26) Em meio à pacatez de São Paulo no começo do século, novas descobertas irão atrair o curioso Oswald, como o fonógrafo, o cinema e a implementação dos bondes elétricos, a grande sensação da época.

O rompimento com o aconchego materno, a partida para a conquista da rua, as viagens com a família para o interior de Minas, a Caxambu e a Lambari e, mais

tarde, sozinho, as escapadas ao Rio de Janeiro não bastam ao Oswald, que, sequioso de novidades, viaja em 1919 à Europa num transatlântico, o “Martha Washington”. A Europa sempre lhe havia fascinado devido à modernidade, à vida artística e, sobretudo, à liberdade amorosa e sexual: “Tudo isso vinha confirmar a ideia de liberdade sexual que doirava o meu sonho de viagem, longe da pátria estreita e mesquinha daquele ambiente doméstico onde tudo era pecado (...) Na Europa, o amor nunca foi pecado. Não era preciso matar para possuir uma mulher (...) O Brasil adúltero apresentava-se chatíssimo e cheio de perigos. Por outro lado, o bordel não me contentava. Eu romantizava imediatamente meus furtivos encontros de botina e cincão. A Europa civilizadamente negava tudo. Lá não era crime nenhum amar”. (ANDRADE, 1990, p. 78) Talvez por isso Oswald trouxesse na bagagem de volta, além do “Manifesto Futurista”, de Marinetti, a francesa Henriette Denise Bonfleur, a kamiá, com quem mais tarde terá um filho, o Nonê, “uma síntese de ‘nosso nenê’.” (ANDRADE, 1990, p. 81)

Mais tarde Oswald separa-se de Kamiá e conhece Deise, “esquelética e dramática com uma mecha de cabelos na testa” (ANDRADE, 1990, p. 108), tornam-se amantes e parceiros em projetos: “Dessa época, do ano de 1918 e 1919, componho com os frequentadores da garçoniere e com Deise (...) um caderno enorme que Nonê conservava. Chama-se uma idéia de Pedro Rodrigues de Almeida – ‘O perfeito cozinheiro das almas deste mundo’.” (ANDRADE, 1990, p. 109) Com a morte de Deise ou Miss Ciclone, como era chamada e o casamento *in-extremis*, abre-se um enorme vazio na vida de Oswald: “Sinto-me só, perdido numa imensa noite de orfandade. A amada que me deu a vida partiu sem me dizer adeus. A francesa que trouxe de Paris veio buscar o dinheiro para outro homem. Landa, que foi o primeiro sonho vivo que me ofuscou, tornou-me a estátua de sal da lenda bíblica. Olho para o passado. Isadora Duncan estrondou como um raio e passou. A que encontrei, enfim, para ser toda minha, meu ciúme matou... Estou só e a vida vai custar a reflorir. Estou só, fui cortado, guilhotinado e tenho medo”. (ANDRADE, 1990, p. 133)

Esfacelado por inúmeras dificuldades financeiras, o que resta ao Oswald senão sonhar e escrever? “Como e por onde começar as minhas memórias? Hesito. Devo começá-las pelo início de minha existência? Ou pelo fim, pelo atual, quando em 1952,



os pés inchados me impossibilitam de andar no pequeno apartamento que habitamos em São Paulo, à Rua Ricardo Batista, 18, 5º andar. Quando esta que ficou sendo em minha vida a Esposa, Maria Antonieta d'Alkmim, vai num gesto buscar os meus chinelos e carinhosamente providencia as frutas do meu regime. Estou atacado duma asma cardíaca, produzida por insuficiência e o Dr. Emílio Mattar procura me tirar do caixão, com injeções de Cardovitol que o farmacêutico da vizinhança, seu Nenê, vem aplicar todas as noites, na veia. Fito nas paredes do living espaçoso as minhas altivas bandeiras. São os quadros, as obras-primas da pintura moderna de que em breve vou me desfazer. São os estandartes levantados na guerra que foi minha vida. Um grande Chirico de 1914, da série 'Piazze d'Itália', onde se vê uma torre, um pequeno trem de ferro e dois homens minúsculos na solidão da praça onde se ergue uma estátua vestida de negro. (...) Há também, em azul, a obra-prima de Tarsila, 'O sono'. Duas joias de Cícero Dias, onde o mestre brasileiro liga o abstrato ao nativo. Os 'Cavalinhos' de Chirico, o Di, uma telinha de Rudá e outra de Nonê, meus filhos, e um guache de Picasso em azul e negro. São as minhas bandeiras que contam que nunca abdiquei na luta feroz dos meus dias". (ANDRADE, 1990, p. 20-1)

Debilitada a saúde, perdido o patrimônio, a herança deixada por Oswald será bem outra, como um dia sentenciou: "as novas gerações saberão apreciar os finos biscoitos que fabrico". (ANDRADE apud CARMO, 1984)

Assim, as memórias de Oswald escritas em uma linguagem ágil, ora concisa na contenção das descrições, ora encachoeirada na abundância de detalhes, entrecortada por um intenso lirismo, permeada de digressões e *flashbacks* apresentam o olhar intenso desse "homem sem profissão", que, como poucos, amou a palavra liberdade e por ela brigou.

## Referências

- ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe*. 2.ed. São Paulo: Globo/Secretaria de Estado da Cultura, 1990. (Obras completas de Oswald de Andrade)
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986. v. 1.
- BRITO, Mário da Silva. Orelha de *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe*. 2. ed. São Paulo: Globo/Secretaria de Estado da Cultura, 1990. (Obras completas de Oswald de Andrade)
- CARMO, Dinorah. Oswald, 30 anos depois em Minas. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, out. 1984.

## Venus Brasileira Couy

Doutora em Teoria da Literatura (UFRJ), com pós-doutorado em Literatura Comparada (UFRJ). Ensaísta e poeta, publicou, entre outros livros, *Inverno de Baunilha* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2004), *Mural dos nomes impróprios: ensaio sobre grafite de banheiro* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2005), *Do amor mais abrigado do vento* (Rio de Janeiro: Edições Magnólia, 2007) e *Belamimmim* (Rio de Janeiro: Edições Magnólia, 2012).